

TOPOLOGIA: forma-DESENHO, forma-LINGUÍSTICA ou forma-PENSAMENTO?

Marcelo José Monteiro Simão Kronemberger

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal

Resumo

O “desenho” fundamenta muitas metodologias científicas. E é a partir desta ideia que se pode argumentar que o DESENHO, enquanto MÉTODO, é uma forma-pensamento que permite TÉCNICAMENTE suportar PROCESSOS cri-ativo(s) diversos e nas mais diversas áreas do conhecimento humano, desde a Medicina até as Ciências Aeroespaciais. São estas convergências do dia-a-dia que se procuram mostrar neste artigo como capacidades METODOLOGICAMENTE incorporadas à edificação dos PROCESSOS de transformação formal e científica das ESTRUTURAS sociais. ESTRUTURAS sobre as quais se constroem as SOCIEDADES humanas nos termos de acções, pensamentos, valores e decisões morais [e | ou] éticas, e que estão estruturadas como sistemáticas enquanto DESENHO.

Palavras-chave: desenho, método, pensamento, valor e científico.

Abstract

The "drawing" underlies many scientific methodologies. And it is from this idea that it can be argued that DRAWING, as a METHOD, is a thought-form that TECHNICALLY allows supporting diverse creative processes and in the most diverse areas of human knowledge, from Medicine to Aerospace Sciences. It is these day-to-day convergences that are sought to be shown in this article as METHODOLOGICALLY incorporated into the building of PROCESSES of formal and scientific transformation of social STRUCTURES. STRUCTURES on which human SOCIETIES are built in terms of actions, thoughts, values and moral decisions [e | or] ethical, and that are structured as systematic as a DRAWING.

Keywords: design, method, thinking, values and scientific.

Introdução

O objectivo desta comunicação é pensar “desenho” como metodologia, embora se pretenda como argumentação em desenvolvimento. Pois o que se investiga é a possibilidade, formal e condicional, para pensar o DESENHO como “*modum*”, a partir do qual, enquanto simultaneidade [em e «entre»] a acção de “desenhar” e o DESENHO, realiza-se (um)-SISTEMA¹. (Monteiro, 2018)

Desta forma, opta-se pela noção de CIÊNCIA para viabilizar a construção de

1 A Topologia Linguística diante do problema apresentado por este artigo, define uma condição semântica e gráfica – na forma de (um)-SISTEMA – com a qual se pretende referir as tecnologias como acontecimentos sistémicos que se real(izam) como sistemáticas.

argumentação comum à duas existências técnicas distintas: (uma)² que se define como virtual; e OUTRA³ que se define como digital. E parte-se da ideia de superfície em transformação – como o que enquanto “desenho”, opera-se como forma e inerência à formação de uma TOPOLOGIA matemática [tomada como digital] – para pensar através de construções vetoriais [tomadas como virtuais], um caminho que torne viável o desenvolvimento da presente comunicação a partir da noção de primitivas geométricas [ponto, linha, plano]. O que, neste artigo, percebe-se como ÚNICA forma de homeomorfia possível [em e «entre»] uma existência virtual e uma existência digital, embora existam OUTRAS.

Da UTOPIA à TOPOLOGIA: o não-“lugar” enquanto “lugar” e acção de FALAR

Como do conceito de DESENHO para o conceito de MÉTODO, realiza-se um acontecimento como forma-pensamento: a TÉCNICA (Monteiro, 2018) (Figura 1); e esta realização [técnica] é o que suporta PROCESSOS cri-ativo(s) humanos utilizados para singularizar “valores” enquanto DESENHO; os quais, ao atravessar artefactos tecnológicos [interfaces e softwares], operam-se como formalidade nas mais diversas tecnologias, definidas pelas *recapitulações* (Haeckel, 1866) inerentes.

2 Artigo indefinido que SIMULTANEAMENTE real(iza-se) como numeral, para definir-se como acontecimento linguístico.

3 Idem como acima, entretanto, com OUTRA em versalete.

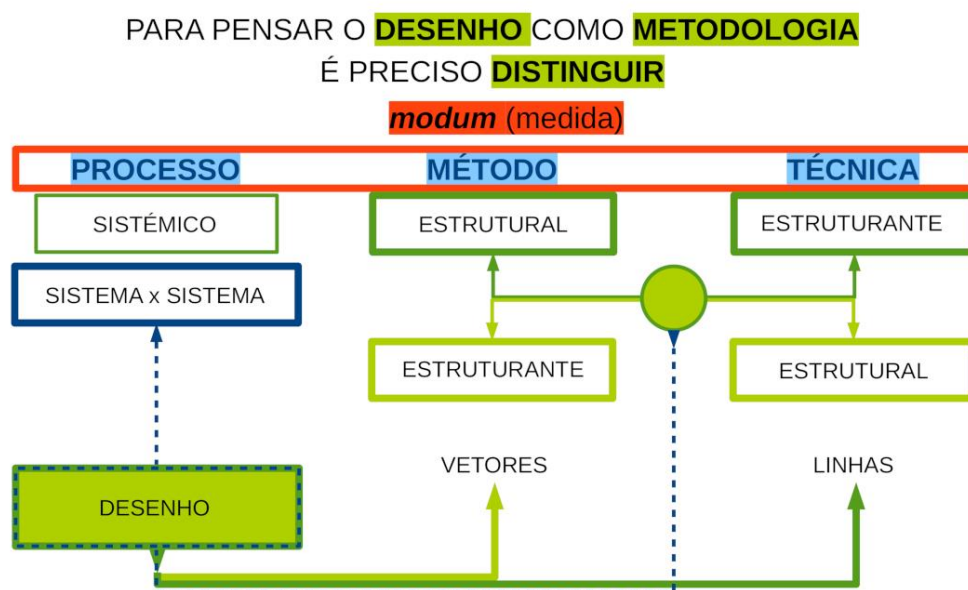


Figura 1

Optou-se por desenvolver este artigo a partir de argumentos axiologicamente estruturantes [metodologia] (Monteiro, 2018) enquanto “lugares” [topologia matemática], e também como representações visuais para existências vetoriais [“lugares”], real(izados)⁴ como fundamento, ideia e conceito, para atravessar a TOPOLOGIA matemática como modelo de observação [Topologia Linguística].

Do que se acredita, que uma TOPOLOGIA matemática – é o que concede homeomorfia aos “valores” estruturados nas *práticas linguísticas* (Monteiro, 2018), enquanto axiologias inerentes as técnicas utilizadas – pois permitem a construção de relações de visualização e uniformização dos dados observados [e | ou] colectados, com a finalidade de realizá-los, enquanto metodologias-tecnológicas.(Figura 2) Entretanto, estas representações inerentes as actividades realizadas nas mais diversas áreas do conhecimento humano são, enquanto tecnologias, estruturas e axiologias que atravessam técnicas visuais [estruturantes] como metodologias [estruturas] de observação. (Figura 1)

4 Na Topologia Linguística TODA existência REAL manifesta é acontecimento ontofenomenológico. Entretanto, como a origem é SISTÊMICA, TODO-real é realização enquanto “haver” GRAFADO como real(ização) ou real(izar), enquanto expressão semântica desta existência-manifesta.

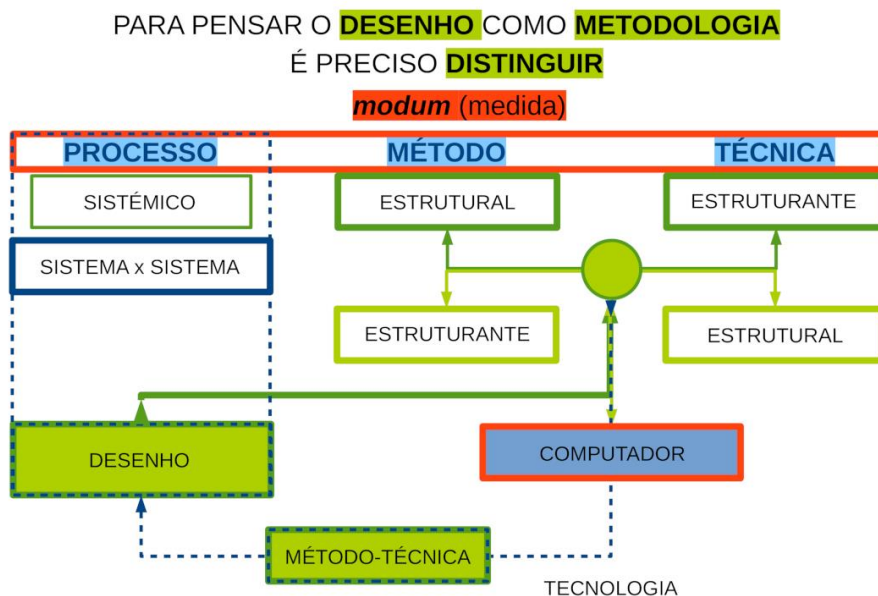


Figura- 2

O que, segundo a Topologia Linguística, decorre também nas interações sociais, atravessadas por “valores” e tecnicidade, para identificar parâmetros de interpretação nas existências físicas [e | ou] biológicas – individuais [e | ou] colectivos – e real(izar) observações visuais que atravessam métodos, para edificar decisões [e | ou] conclusões discursivas. O que fundamenta, como sistemática de “valor” e enquanto epistemologia, a ideia de SISTEMA, mesmo e apesar destas realizações serem *recapitulações* (Haeckel, 1866) e não *existências manifestamente sistêmicas* (Monteiro, 2018).

Ou seja, as aplicações actuais da topologia [e | ou] da linguística definem estruturantes sistêmicos que não se real(izam) como SISTEMAS, outrossim, como MÉTODOS [dedução e indução].

Da mesma forma, os artefactos tecnológicos [interfaces e softwares], bem como as tecnologias aos quais se agregam, não são SISTEMAS. Contudo, como há simultaneidade [em e «entre»] método [e | ou] técnica – apesar de não serem SISTÊMICOS – porquê se operam conjuntamente como tecnologias para viabilizar interpretações visuais ou não-visuais pretendidas, formam-se como ideia de (um)-SISTEMA.

Realizações consideradas sistêmicas que, entretanto, são representações

axiologicamente estruturadas que (trans)formam⁵, através de sistemáticas técnicas e a partir de aplicações topológicas [e | ou] linguísticas utilizadas em artefactos tecnológicos [interfaces e softwares], MÉTODOS em sistemas de observação que produzem dados digitais que, enquanto analogias, são dependentes das axiologias e percepções humanas.

Ou seja, estes “sistemas” de observação tem a finalidade de produzir visualizações interpretáveis; contudo, são derivações de estruturas discursivas e retóricas axiologicamente estruturadas [recapitulações]. Portanto, o que realizam não são formalidades SISTÉMICAS, outrossim, IDEOLOGIAS (Thompson, 2013).

E o que se quer demonstrar é que há possibilidades de convergência [em e «entre»] as formas-pensantes [técnicas], e as observações-pensadas [metodologias]; que real(izadas) diariamente como actividades científicas [e | ou] artísticas – mesmo que decorram em áreas de conhecimento consideradas absolutas e diferentes – tornam-se capazes de renunciar às litigâncias inerentes, decorrentes das epistemologias estabelecidas, com aplicação da TOPOLOGIA matemática através de modelações Linguístico Topológicas.

O que permite estruturar homeomorfias, nas diferenças axiológicas existentes, e enquanto METODOLOGIA, pensar (um)-SISTEMA. Definindo, [como e para] nas observações, os “valores” atravessam da técnica para a tecnologia. Permitindo observações como representações, e dispensanso confrontações [em e «entre»] práticas académicas [e | ou] epistemologias científicas. Pois é possível construir (uma)-EPISTEMOLOGIA⁶ enquanto conhecimento visual.

Processo, método e técnica

Um caminho possível para construção de artefactos técnicos [interfaces e softwares], os quais pretendem mediar percepções de observações realizadas através de tecnologias virtuais [e | ou] digitais.

Entretanto, actualmente, é possível “ver” [observar] e representar, estruturalmente e da mesmo forma como decorrem nos SISTEMAS humanos. Contudo,

5 Na Topologia Linguística – (trans)formar – define a condição semântica da palavra transformar, na qual se vai, sincronamente, para “além da forma”. O que evidência (uma)-NECESSIDADE: verificar a origem diacrónica do CONTEXTO conceptual e textual apresentado.

6 A Topologia Linguística diante do problema apresentado neste artigo, define uma condição semântica e gráfica – na forma de (uma)-EPISTEMOLOGIA – com a qual se pretende referir ao conhecimento como acontecimento sistémico, que ao real(izar-se) como sistemática, permite a edificação de conhecimento topológico.

nos termos de (uma) existência Linguístico Topológica – estruturas que se realizam como manifestações, mas nas variações qualitativas inerentes a tecnologia utilizada. O que dispensa a “necessidade” axiológica estabelecida, e que torna as tecnologias capazes – como os SISTEMAS biológicos humanos; e da mesma forma – à busca de “ver” e perceber, o que não é possível, entretanto, como formas perceptivas observacionais topológicas e não axiológicas.

Isto porquê, “estender” as capacidades humanas – com tecnologias que decorrem na forma de *recapitulações* (Haeckel, 1866) *axiologicamente estruturadas* (Monteiro, 2018) – para estabelecer formalidades físicas [e | ou] biológicas que procuram tornar o que não é visível, enquanto *reificação* “visual” [“coisa”], para homologação e outorgação de carácter de CIÊNCIA, faz da manifestação tecnológica uma estrutura de “valor”.

Ou seja, definir o “*modum*” para observar, e consequentemente, para edificar conclusões decorrentes, à procura de formatações discursivas [e | ou] descritivas, e enquanto real(izações) de VERDADE, são existências estruturais e axiológicas manifestas como INTERATIVAS.

INTERACÇÕES condicionadas que se pretendem científicas, mas (con)centradas⁷ nas epistemologias nas quais se fundamentam (Kuhn, 1962), real(izam) *reificação* (Lukács, 1923); condição que as domina enquanto *recapitulação* (Haeckel, 1866), estruturando argumentações e pensamentos à edificação de modelos de observação coercitivos e de dominação.

Ao atravessar o que se define como Topologia Linguística, com *heurísticas de redundância* (Monteiro, 2018) – o que se permite é transformar estas observações técnico-humanas [tecnológicas] em discursos visuais e estruturais axiológicos que localizam e identificam inconsistências e discrepâncias – o que se estabelece, como não para equívocos PROCESSUAIS, outrossim, para definição de [PROCESSOS] como SISTEMAS.

Opção que observa estas questões e condições, através de (um)-SISTEMA-LINGUÍSTICO-TOPOLÓGICO. Permitindo perceber a NECESSIDADE de (re)visar diacronicamente os conceitos de PROCESSO, MÉTODO e TÉCNICA, para avançar as tecnologias a partir do conceito DESENHO, como metodologias-técnicas para

7 A Topologia Linguística é comum alterar a grafia semântica corrente – aqui na forma de (con)centrada – com a qual se pretende referir foneticamente e conceitualmente ao acontecimento sistémico que se real(iza) como sistemática operativa estruturada.

AUTOMAÇÃO.

Conclusão

Assim, conclui-se que INTERACÇÕES sociais e científicas decorrem como *práticas linguísticas* [em e «entre»] artistas, cientistas e técnicos, com os seus interlocutores-espectadores; INTERACÇÕES pedagógicas (Monteiro, 2018) que se fundamentam sobre epistemologias estabilizadas [metodologias] com as quais se transfere conhecimentos paradigmáticos (Kuhn, 1962) utilizando condições tecnológicas para observações estruturadas, linguística e topologicamente, como axiologias que, usam o conceito DESENHO como IMAGEM.

Uma paradigma (Kuhn, 1962), pensante e pensável, que segundo Thomas Kuhn (1922-1996), operacionaliza “respostas ou argumentações que substituem integralmente as perguntas, firmemente engastando nas formações, preparação e autorização, às práticas profissionais como conhecimentos” (Kuhn, 1962: 23), o que, seja em ARTES ou em CIÊNCIAS, “faz-se como [(um)-conhecimento] recapitulado” (Kuhn, 1962: 209) que não busca inovação.

Apesar das possibilidades dos DESENHADORES actuarem em actividades técnicas, e realizar SIMULTANEAMENTE ARTE [e | ou] CIÊNCIA – ao atravessar formalidades linguísticas sistematizadas como topologias digitais; experiência que já é vivenciada por gerações de jovens artistas e cientistas, nos termos da realidade virtual e a partir de interfaces de mediação.

O que, realizado como interação, pretende “favorecer [e | ou] facilitar” a construção de realidades e interações sociais viáveis como projecto, mas através de projecções à virtualidade – viável como existência digital. O que transfunde para o léxico quotidiano, (uma)-ESTRUTURA de difusão senso-comum, que realiza toda-(uma)-SOCIEDADE-perceptiva (Monteiro, 2018).

Acontecimento estrutural axiológico que, enquanto metodologia (indutiva [e | ou] dedutiva), realiza-se como estruturante e atravessa tecnologias, como linguagem e estrutura semântica. O marxismo chama este fenómeno IDEOLOGIA (Thompson, 2013), entretanto, neste artigo opta-se pela noção de SOBRE-estrutura-SIGNIFICANTE (Monteiro, 2018), decorrência da aplicação topológica pretendida.

Pois, estruturas axiologicamente estabelecidas como formas paradigmáticas (Kuhn, 1962), são projecções de existências materiais à existência digital – o que, formalmente, não se categoriza como imparcial – pois os dados estabelecidos, são

edificações epistemológicas dos limites [e | ou] fronteiras [em e «entre»] formas e materiais, enquanto formatação dos dados.

Os quais, colectados e estruturados, definem características isomorficas perceptivas, axiologicamente como realidades materiais e sociais, para reprodução destas enquanto (uma)-existência-virtual [manifestação].

Ou seja, “coisas” que tem a mesma conformidade das *práticas linguísticas* (Monteiro, 2018), contudo, como condicionamentos perceptivos, retóricos, axiológicos e sistémicos humanos e parciais.

O que não viabiliza “sistemas”, outrossim, *reificações e recapitulações* que atravessam tecnologias, condicionando epistemologias, como formas [método-tecnológicas]. Uma *recapitulação* que, na forma proposta por Ernst Haeckel (1834-1919), não é científica, apesar de estruturalmente organizada.

Procedimentos que almejam realizações em conformidade estrutural com conhecimentos condicionados pelas percepções. E que estabelecem-se como METODOLOGIAS de observação que permitem parametrizar decisões percebidas e julgadas por necessidades impostas, e para as quais se viabilizam investimentos de financeiros para pesquisa.

Esta comunicação coloca-se diante deste desafio, pois acredita ser o “desenho” um viabilizador METODOLÓGICO e TÉCNICO às CIÊNCIAS e a ARTE. Ao argumentar que o DESENHO, em termos SISTÉMICOS, localiza-se [em e «entre»] a transformação retórica [linguística] e a axiologia estrutural [topologia].

O “lugar” apropriado ao desenvolvimento de modelos de observação que permitem formalidades imparciais, ideais para o ENSINO e também para a realização de interacções sociais e científicas, em conformidade com o “construtivismo social” proposto por Ludwik Fleck (1896-1961).

Pois viabilizar existências manifestas que utilizam o mundo digital, entretanto, não como existências virtuais, outrossim, manifestações linguísticas estruturadas sobre estruturantes [vetores] topológicos [estáticos] que se movem [dinâmicos] dentro de espaços parametrizados [virtuais].

Ou seja, através do DESENHO é possível observar estruturas axiológicas, como metodologias estruturantes que atravessam técnicas, realizando-se como linguagem enquanto estrutura semântica.

Bibliografia

Fleck, L. (1929) “Cognition and Fact. Materials on Ludwik Fleck”, D. Reidel Publishing Company, 1986. ISBN 1-0577-1102-0.

Haeckel, E. H. P. A. (1866) “Generelle Morphologie der Organismen”, Berlin: Druck und Verlag von Georg Reimer, 1866.

Kuhn, T. S. (1962). “Estrutura das Revoluções Científicas”, Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2006. ISBN 85-273-01J1-3.

Lukács, G. (1923). “História e Consciência de Classe”, Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003. ISBN 85-336-1925-1.

Monteiro, S. (2018) “Levantando o véu: a ergoógenia e a realidade”, Palmela: Instituto Aphomoioo, 2018. Em 19 de Janeiro de 2020:
https://www.aphomoioo.org/uploads/3/8/6/7/38676315/vers%C3%A3o-1466-fim-fim_1.pdf

Thompson, J. B. (2013) “*Mercadores de Cultura: O Mercado Editorial no Século XXI*”, Trad. Alzira Vieira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2013. ISBN 9788539303939.